

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

A intervenção cubana na guerra civil em Angola

Cuban Intervention in the Angolan Civil War

(Bakalářská práce)

Autor: Eliška Peterková

Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Olomouc 2024

Prohlašuji, že jsem tuto bakalářskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením Mgr. Petry Svobodové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci dne 26. června 2024

.....

Eliška Peterková

Poděkování

Ráda bych poděkovala Mgr. Petře Svobodové, Ph.D., za odborné vedení mé práce, cenné rady a věcné připomínky. Zároveň děkuji své rodině, jež mi byla po celou dobu velkou oporou.

Índice

1	Introdução	4
2	Guerra Fria e o seu impacto na situação política após Segunda Guerra Mundial	5
3	A situação política em Cuba no pós-guerra	7
3.1	A ascensão de Fidel Castro ao poder	7
3.2	Cuba na Guerra Fria	7
3.3	Internacionalismo cubano	8
4	Luta pela independência angolana	11
4.1	Os movimentos mais importantes na luta pela independência	12
4.1.1	MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola	12
4.1.2	FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola	13
4.1.3	UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola.....	14
4.1.4	Fatores que afetam as relações entre esses três movimentos	14
4.2	Guerra Colonial	15
5	A intervenção cubana em Angola	24
5.1	Contactos entre Cuba e o MPLA antes da intervenção – cooperação inicial	24
5.2	Operação Carlota	26
5.3	Retirada das tropas cubanas.....	31
5.4	Quem foi o instigador de intervenção?.....	32
6	Conclusão.....	34
7	Resumé.....	35
8	Bibliografia.....	36
9	Anotação.....	37
10	Annotation.....	38

1 Introdução

Desde a década de 1960, o cenário político mundial tornou-se palco de muitos conflitos, muitas vezes refletindo rivalidades ideológicas e a busca de influência global. Um desses ambientes de conflito foi a guerra civil em Angola, que se tornou um campo de batalha entre diferentes fações políticas e étnicas, com potências estrangeiras a tentarem explorar esta instabilidade em benefício dos seus próprios interesses. Entre estes atores estrangeiros, Cuba desempenhou um papel significativo durante a guerra, juntando-se ao conflito ao lado do Movimento Popular de Libertação.

O objetivo deste trabalho não é apenas descrever os acontecimentos, mas também tentar analisar o seu contexto mais amplo e fornecer informações sobre os mecanismos que influenciaram a tomada de decisão política das partes envolvidas.

No primeiro capítulo, com o objetivo de apresentar o contexto geopolítico no período monitorado, são descritas de forma geral as características básicas da Guerra Fria.

O segundo capítulo é dedicado ao esboço do contexto histórico de Cuba, especialmente à ascensão de Fidel Castro ao poder, à posição de Cuba na Guerra Fria ou à nascença do internacionalismo cubano e suas subsequentes consequências na forma de intervenções estrangeiras.

Para uma melhor compreensão da situação de Angola naquela época, o terceiro capítulo caracteriza três movimentos principais que tiveram uma influência fundamental na situação nacional naquele país. Além disso, é descrito aqui o curso da guerra colonial, que foi o resultado da luta angolana pela independência. Também se dá atenção aos problemas que surgiram posteriormente, tal como a queda do regime de Salazar ou o repercussão da guerra colonial numa guerra civil, que resultou precisamente na intervenção cubana.

O quarto capítulo é dedicado à descrição da própria intervenção cubana e centra-se, entre outras coisas, na avaliação da ainda controversa questão de saber se o principal iniciador da intervenção foi a União Soviética ou Cuba. Também foram analisados os possíveis motivos de Fidel Castro para a sua implementação.

Ao processar este texto foi usada principalmente a literatura checa, no entanto, muitas fontes foram publicadas antes de 1989. Deve-se notar aqui que, no caso dessas fontes, sua provável distorção ideológica foi levada em consideração, portanto, foram extraídos delas principalmente dados factuais cujo caráter deveria estar livre dessa influência. No capítulo que descreve a intervenção cubana, foi usado primariamente o livro de E. George - *A Intervenção Cubana em Angola, 1965-1991, De Che Guevara a Cuito Cuanavale*, visto que o volume de literatura disponível dedicada a esta questão é bastante limitado.

2 Guerra Fria e o seu impacto na situação política após Segunda Guerra Mundial

A Guerra Fria é um termo para um período de tensão internacional e rivalidade entre duas grandes potências mundiais, os Estados Unidos e a União Soviética, que influenciou os acontecimentos políticos em todo o mundo desde o final da Segunda Guerra Mundial até o final do século XX. Este período foi caracterizado pela tensão, pela competição por influência e pela promoção de diferentes ideologias.

Embora tanto os Estados Unidos como a União Soviética estivessem do mesmo lado dos Aliados que lutavam contra as potências do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, as suas opiniões políticas diferiam muito, levando a disputas sobre a ordem mundial do período pós-guerra.

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo foi dividido em estados dos Blocos Oriental e Ocidental com base nas diferentes ideologias políticas promovidas pelos EUA e pela URSS. O Bloco de Leste era liderado pela União Soviética e, como o próprio nome sugere, a sua esfera de influência incluía principalmente as repúblicas da Europa de Leste, mas também, por exemplo, Cuba ou a China. O sistema económico que estes países implementaram foi o socialismo. Em contraste com ele, existe o capitalismo, que funcionou no resto do mundo, e embora nem todos os estados capitalistas pertencessem ao Bloco Ocidental, este sistema o caracterizou.

Durante a redistribuição do pós-guerra, alguns estados encontraram-se num beco sem saída, por assim dizer, e devido às influências do Bloco Ocidental e Oriental que atuavam no seu território, foram forçados a dividir-se. Por exemplo, a Alemanha foi dividida em Leste e Oeste durante a Guerra Fria e reunificada somente após a queda da Cortina de Ferro, a divisão do Vietname em Norte e Sul levou a uma guerra civil, no final da qual o Vietnã foi unificado após a vitória do Norte Comunista, ou Coreia, cuja unificação não aconteceu até hoje.

A rivalidade EUA-URSS assumiu muitas formas, nomeadamente através de confrontos diplomáticos, corridas armamentistas, sanções económicas e também guerras por procuração em todo o mundo que representam foco do nosso interesse.

Um conflito por procuração, ou guerra por procuração, pode ser definido como: "um conflito internacional entre duas potências estrangeiras, travado no solo de um terceiro país, disfarçado de conflito sobre os assuntos internos daquele estado, e que usa parte da mão

de obra, recursos e território desse estado como um meio para alcançar metas e estratégias predominantemente estrangeiras"¹.

Os conflitos por procuração, como a guerra em Angola, foram uma característica típica da Guerra Fria. As potências estrangeiras têm estado envolvidas nestes conflitos através do apoio de várias fações políticas e militares, procurando fazer avançar os seus objetivos estratégicos. O interesse dos Estados Unidos em manter a influência em África e o medo da propagação do comunismo levaram ao seu apoio aos movimentos da direita. Pelo contrário, a União Soviética e os seus aliados, incluindo Cuba, apoiaram movimentos de esquerda. Como um conflito por procuração podem ser descritas por exemplo a guerra civil da Rodésia, sul-africana na fronteira ou do Iêmen do Norte ou a guerra de independência da Eritreia.

A Guerra Fria, que esteve na origem de quase todos os conflitos mundiais da época, teve um impacto significativo no processo de descolonização dos estados africanos. Durante algum tempo, África não esteve na mira de nenhum dos lados, pois ainda estava sob o domínio das suas potências coloniais, cujos impérios nem os Estados Unidos nem a União Soviética se importavam. No entanto, quando os primeiros distúrbios significativos por parte da população africana começaram a ocorrer no período pós-guerra e apareceram os sinais graduais de tentativas de descolonização, ambos os lados iniciaram gradualmente a concentrar-se em África.

O ano decisivo é, sem dúvida, 1960, também chamado de “Ano de África”, durante o qual 18 estados africanos conquistaram a independência e que apenas iniciou a descolonização do resto de África. No entanto, muitos estados independentes recentemente estabelecidos tornaram-se gradualmente palco de lutas pelo poder, quer por parte de tribos que viviam no seu território, quer por potências estrangeiras que queriam ganhar esses estados para a sua esfera de influência, por isso, mesmo após o fim de séculos de domínio colonial, a paz não reinou em África.

Este contexto global é importante para compreender a intervenção cubana na guerra civil angolana. Para Cuba, a Guerra de Angola foi um dos muitos campos de batalha da Guerra Fria onde procurou promover os seus ideais e ao mesmo tempo fortalecer a sua influência nos conflitos que se tornaram parte da rivalidade geopolítica entre os Blocos Oriental e Ocidental.

¹ Deutsch, Karl. 1964. ‘External Involvement in Internal War’ in Eckstein, Harry. 1964. *Internal War : Problems and Approaches*. New York: Free Press of Glencoe. quoted in Mumford, Andrew. “Proxy Warfare and the Future of Conflict.” *The RUSI Journal* 158, no. 2 (2013)

3 A situação política em Cuba no pós-guerra

Cuba, uma pequena nação insular nas Caraíbas, tornou-se um ator-chave na Guerra Fria devido à sua localização geopoliticamente estratégica. Este capítulo irá delinear brevemente a história de Cuba desde o início da revolução de Castro até ao envolvimento de Cuba nos eventos da Guerra Fria e nas suas tendências internacionalistas e tentativas de intervir no continente africano.

3.1 A ascensão de Fidel Castro ao poder

O ataque malsucedido ao quartel Moncada, em 26 de julho de 1953, popularizou naquela época o quase desconhecido revolucionário Fidel Castro que lutava contra a então ditadura cubana e foi capturado pelo exército após uma perseguição de uma semana, condenado e aprisionado. Graças à pressão principalmente da diplomacia americana, o autoritário Batista anunciou uma amnistia para os presos políticos após a sua reeleição como presidente, e Castro foi assim libertado em Maio de 1955. Mudou-se para o México, onde preparou seu grupo chamado *Movimiento 26 de Julio* para a guerrilha.

Em 2 de dezembro de 1956, Castro iniciou a revolução cubana ao chegar no iate *Granma* e desembarcar no leste da ilha. A princípio não teve êxito, mas a crescente oposição do povo a Batista proporcionou-lhe mais apoiadores, que ampliaram as fileiras de seus combatentes, chamados de *barbudos*. A revolução, liderada pelo *Movimiento 26 de Julio*, que deu origem ao segundo Partido Comunista de Cuba, hoje o único legal no país, culminou na derrubada do ditador presidencial Fulgencio Batista, que anunciou sua abdicação em 31 de dezembro de 1958 e deixou Cuba.

3.2 Cuba na Guerra Fria

Após o sucesso da revolução, Fidel Castro estabeleceu um regime socialista – o primeiro no hemisfério ocidental, que teve um impacto profundo na estrutura política, económica e social de Cuba e causou tensões de longo prazo nas relações com os EUA. Logo se tornou um aliado da União Soviética e simbolizou a resistência ao imperialismo americano na América Central e do Sul. A URSS forneceu ajuda militar, apoio económico e cooperação política a Cuba, fortalecendo as relações mútuas entre os dois países. Esta cooperação foi importante não só para Cuba, mas também para a União Soviética, que conquistava uma posição estratégica no país, localizado a poucas centenas de quilómetros do seu maior rival – os Estados Unidos.

Durante a Guerra Fria, Cuba tornou-se um dos principais pontos de conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética. O governo dos EUA fez várias tentativas para derrubar

o regime cubano, incluindo a fracassada invasão de exilados cubanos na Baía dos Porcos, liderada pela CIA, em 1961. Este conflito culminou na Crise do Caribe em 1962, quando a União Soviética colocou mísseis nucleares em Cuba, não estando claro até agora se foi iniciativa dos soviéticos ou dos cubanos.² Foi um confronto perigoso entre os Estados Unidos e a União Soviética que quase se transformou numa guerra nuclear mas que foi finalmente acabado por um acordo no qual os EUA se comprometeram a não invadir Cuba e a retirar os seus mísseis de médio alcance da Turquia e da Itália e a URSS de Cuba.

Para Cuba, a Guerra Fria marcou um período de constante pressão política e económica por parte dos Estados Unidos, mas também proporcionou uma oportunidade para fortalecer o seu papel nos assuntos mundiais através da sua aliança com a União Soviética e da participação no apoio a movimentos socialistas em todo o mundo, incluindo a guerra civil em Angola.

3.3 Internacionalismo cubano

O internacionalismo como tal é uma tendência política que promove a cooperação económica ou política entre as nações. O internacionalismo cubano é um fenómeno associado ao envolvimento estrangeiro de Cuba, principalmente nos países em desenvolvimento, particularmente através da prestação de ajuda militar, assistência médica e educação como um ato de apoio e solidariedade com países amigos e movimentos revolucionários de orientação marxista.

Tem as suas raízes na própria Revolução Cubana, como conceito de luta contra o imperialismo. O revolucionário argentino Ernesto "Che" Guevara, que, de acordo com a sua ideologia marxista, ajudou a derrubar regimes ditatoriais em muitos países latino-americanos, incluindo Cuba, pode ser chamado sem dúvida de "pai" do internacionalismo cubano. Com a ascensão de Castro ao poder, adquiriu a cidadania cubana e tornou-se uma das figuras mais importantes do novo governo do país. Começou a planear outras operações, incluindo a criação de centros de treino de guerrilha cubana, que supervisionou pessoalmente. Com base na sua experiência com a Revolução Cubana, chegou a criar a sua própria estratégia de guerrilha chamada *foquismo*, mas ele próprio a condenou ao fracasso quando a publicou.³

² Opatrný, Josef. 2017. *Kuba*. Druhé, rozšířené a aktualizované vydání. Stručná historie států, svazek č. 93. Praha: Nakladatelství Libri. pp. 138-144

³ George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge. pp. 18

Ao mesmo tempo, visitou o Norte de África, a Ásia e também os países do Bloco Oriental, numa tentativa de obter apoio para a luta abertamente declarada de Cuba contra o colonialismo, o capitalismo e o neo-imperialismo americano. As diferenças na solução da crise das Caraíbas entre ele e Castro, as suas relações frágeis com a União Soviética e o fracasso das tácticas do *foquismo* causaram a mudança da atenção de Guevara de Cuba para África, onde Castro lhe garantiu a possibilidade de continuar a colocar suas ideias revolucionárias em prática independentemente da vontade dos soviéticos.

A primeira operação cubana em África foi na Argélia, para onde Havana enviou primeiro ajuda material, depois os seus médicos, e só em 1963, como reação à invasão marroquina, lançou a sua primeira intervenção militar no continente negro. As tropas cubanas não entraram em ação, pois um cessar-fogo foi assinado no dia seguinte à sua chegada, mas, apesar disso, este acontecimento pode ser considerado um marco significativo do internacionalismo cubano. Cuba demonstrou capacidade de reunir e trasladar arsenais militares e tropas num curto espaço de tempo, o que mais tarde serviu de modelo para as suas outras intervenções.⁴

A próxima missão de Guevara aconteceu no Congo, cujas selvas representavam possibilidades ilimitadas de proteção para os guerrilheiros e pareciam ser o local ideal para iniciar os combates, que gradualmente se espalhariam de lá para outros países. No entanto, esta missão terminou em fracasso, porque Guevara não teve em conta as características etno-tribalistas da região, o que, juntamente com a indisciplina dos combatentes locais, dificultou muito a cooperação fora das suas unidades. Esta missão levou ao estabelecimento dos primeiros contactos entre Cuba e a África portuguesa, concretamente ao estabelecimento da cooperação entre Cuba e o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), os guerrilheiros de Guevara participaram tanto na guerra civil no Congo Belga como nas unidades formadoras do MPLA.

Graças aos contactos já estabelecidos, os cubanos puderam então lançar a sua maior intervenção africana em Angola, que discutiremos em detalhe no Capítulo 5.

Milhares de soldados cubanos também intervieram em Ogaden, na Etiópia, ao lado de tropas soviéticas e abissínias contra a Somália, que tentava anexar esta província.⁵ Nas

⁴ Idem, pp. 21

⁵ Nálevka, Vladimír. 2004. *Čas soumraku: rozpad koloniálních impérií po druhé světové válce*. Dějiny do kapsy 24. Praha: Triton. pp. 164

décadas de 1970 e 1980, unidades cubanas em África também estiveram envolvidas na Etiópia, Líbia, Moçambique, Guiné Bissau, Tanzânia, Uganda e São Tomé e Príncipe.⁶

Para Castro, as missões africanas foram uma confirmação do importante papel de Cuba nos assuntos internacionais. Embora o internacionalismo cubano estivesse principalmente associado ao nível ideológico, não foi à toa que a sua principal área de atuação foi um continente tão rico em recursos naturais. Castro procurava constantemente formas de se livrar da sua dependência da União Soviética, que Guevara criticou desde o início e pela qual renunciou a todas as suas funções, preferindo reentrar no caminho de um revolucionário, o que acabou por se revelar fatal para ele.

O internacionalismo sempre foi uma parte importante da política externa cubana e recebeu reconhecimento e críticas de várias partes do mundo. Para alguns era um símbolo de solidariedade e apoio na luta contra o imperialismo e o colonialismo, enquanto para outros era visto como uma forma de intervencionismo e defesa política. Independentemente das opiniões acima mencionadas, o internacionalismo cubano tornou-se um elemento importante da identidade cubana e da perceção de Cuba no mundo.

⁶ Nálevka, Vladimír. 1997. *Fidel Castro: podzim diktátora*. Portréty, sv. 6. Praha: Epoque. pp. 70

4 Luta pela independência angolana

O império colonial português, construído desde o século XV, ainda tinha controlado em África Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, as ilhas de Cabo Verde e as ilhas de São Tomás e Príncipe mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. No mundo pós-guerra de novas ordens, prevaleceu a política de descolonização e autodeterminação de todas as nações, confirmada pela *Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais* da Assembleia Geral da ONU de 1960.⁷ E enquanto os impérios coloniais centenários estavam em colapso, Portugal deixou claro que estava pronto para defender as suas possessões coloniais, mesmo que fosse uma batalha perdida. O primeiro-ministro português, António de Oliveira Salazar, recusou qualquer perturbação do império e até à sua morte defendeu obstinadamente quaisquer tendências de libertação das colónias africanas, mesmo ao custo de esgotar o tesouro nacional e sacrificar vidas em guerras das quais Portugal não poderia sair vitorioso à luz dos acontecimentos mundiais.

Após a Revolução dos Cravos e a consequente queda da ditadura autoritária do Estado Novo, a nova liderança do país já não estava interessada em defender os "territórios ultramarinos" africanos, o que Salazar declarou na tentativa de criar uma imagem de coexistência feliz de todas nações em contraste com a conotação negativa da palavra "colônia" na época. E assim, com exceção da Guiné-Bissau, que era independente desde 1973, nada impediu que o resto da África Lusófona declarasse a independência em 1975.

No entanto, o novo governo português de esquerda, na tentativa de cumprir a sua promessa o mais rapidamente possível, pode ter subestimado a importância desta missão e, após séculos de administração, abandonou estes países num período de tempo relativamente curto, deixando-os para seu próprio destino. A concessão da independência a estes países o mais rapidamente possível era obviamente necessária, mas a forma como Lisboa o fez parece bastante lamentável, tendo em conta que, após séculos de ocupação, os portugueses desocuparam os seus cargos num ano sem, em maior medida, terem tentado evitar as sangrentas guerras civis que então devastaram muitos destes países. Angola não foi exceção e também se tornou vítima desta política. Os portugueses podem ter tentado aliviar a situação num país dilacerado por uma luta pelo poder, mas no final todas as tentativas fracassaram depois de terem deixado o país no meio do tumulto da guerra com uma entrega simbólica do poder ao povo, como a independência do país foi declarada numa altura em que não havia governo oficial em Angola, ao qual pudessem entregá-la.

⁷ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 287

4.1 Os movimentos mais importantes na luta pela independência

Este subcapítulo centra-se numa breve mas importante introdução aos três principais movimentos de independência angolanos: MPLA, UNITA e FNLA. Estes movimentos desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento político do país desde o período colonial até à guerra civil, após a qual se transformaram em partidos políticos regulares que ainda desempenham um papel significativo na gestão do país. Compreender a política destes partidos é fundamental para uma melhor compreensão da guerra colonial e civil angolana, incluindo a intervenção cubana.

4.1.1 MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

O MPLA foi formado pela fusão de vários partidos menores em 1956. Inicialmente procurou unir-se à UPA (União das Populações de Angola), mas o líder da UPA Holden Roberto rejeitou veementemente esta ideia e, em vez disso, procurou destruí-la. Foi liderado por uma geração jovem, a maioria dos quais teve a oportunidade de estudar na Europa, e a composição étnica dos membros e seguidores era diversificada, ao contrário dos outros dois movimentos. Inicialmente, predominavam no partido africanos assimilados e mestiços das cidades, e não do campo. A sua principal ambição era criar um estado-nação secular moderno de tipo europeu, professando o nacionalismo multiétnico, sendo assim significativamente diferentes das etno-nacionalistas UNITA e FNLA.⁸ Como observou Klíma, era "a organização menos tribalista capaz de unir o maior número de angolanos num movimento de resistência contra um regime autoritário"⁹. O seu presidente António Agostinho Neto pode sem dúvida ser considerado a principal personalidade do partido, mais tarde o primeiro presidente de Angola.

Desde o início foram fortemente influenciados pelas ideias de esquerda, o que fica claro pela retórica utilizada no manifesto de fundação do partido: "O colonialismo não cairá sem luta. É por isso que o povo angolano só se poderá libertar pela guerra revolucionária. E esta apenas será vitoriosa com a realidade de uma frente de unidade de todas as forças anti-imperialistas de Angola que não esteja ligada à cor, à situação social, a credos religiosos e

⁸ Fiala, Vlastimil. 2012. *Politické stranictví v afrických lusofonních zemích*. Hradec Králové [i.e. Olomouc]: Iuridicum Olomoucense. pp. 40-46

⁹ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 187 - traduzido por mim de „nejméně tribalistická organizace schopná spojit nejvíce Angolanů do hnutí odporu proti autoritativnímu režimu”

tendências individuais; será vitoriosa graças à formação de um vasto movimento popular de libertação de Angola."¹⁰

Receberam apoio de organizações de esquerda na Europa Ocidental e, gradualmente, da maioria dos países sob a esfera de influência da União Soviética, incluindo Cuba. Aparentemente, graças à sua orientação política, foram favorecidos pelo novo governo português depois da Revolução dos Cravos. Após a declaração da independência de Angola, o partido adotou oficialmente a ideologia marxista-leninista e o apelido de "Partido do Trabalho" por algum tempo, mas durante a democratização do país em curso, afastou-se desta ideologia extrema e excluiu o "PT" do nome.

4.1.2 FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

A Frente Nacional de Libertação de Angola foi fundada em 1954 sob o nome UPNA (União das Populações do Norte de Angola) entre refugiados angolanos que viviam no Congo Belga¹¹, onde também teve a sua base principal, com o objetivo de restaurar o antigo Reino do Congo¹². Era formado principalmente por membros da tribo Bakongo, cujos principais chefes estavam frequentemente entre os líderes do partido, do que se conclui que este movimento foi orientado principalmente para a população aldeã da comunidade tribal. Nomeou brevemente a UPA (União das Populações de Angola) antes de se fundir com o PDA – Partido Democrático Angolano em 1962 e se transformar na FNLA.

O movimento tinha características tradicionalistas e etno-nacionalistas e professava, segundo as suas palavras, valores tradicionais africanos.¹³ Formalmente, foi o primeiro movimento totalmente angolano e durante muito tempo foi o único contrapeso ao MPLA esquerdista. O seu fundador e líder foi Holden Roberto, que, graças aos seus laços familiares

¹⁰ Bröner, Gabriele, e Jürgen Ostrowsky. 1977. *Angolská revoluce. Svět v pohybu* (Svoboda). Praha: Svoboda. pp. 30-31 – traduzido por mim de „Portugalský kolonialismus se nezhroutí bez boje, a proto se angolský lid nebude moci osvobodit bez revolučního boje. V tomto boji může zvítězit jen sjednocená fronta všech angolských protimperialistických sil bez ohledu na barvu pleti, sociální postavení, náboženské přesvědčení nebo individuální názory. Může v něm zvítězit jen velké osvobozené hnutí.“

¹¹ atual República Democrática do Congo, nos anos 1971-1997 Zaire – também podemos encontrar a designação Congo-Kinshasa para uma distinção mais fácil entre a RDC e a República do Congo conhecida como Congo-Brazzaville

¹² Bröner, Gabriele, e Jürgen Ostrowsky. 1977. *Angolská revoluce. Svět v pohybu* (Svoboda). Praha: Svoboda. pp. 32

¹³ Fiala, Vlastimil. 2012. *Politické stranictví v afrických lusofonních zemích*. Hradec Králové [i.e. Olomouc]: Iuridicum Olomoucense. pp. 40-41

com o ditador zaireense Mobutu, conquistou o apoio dos Estados Unidos e, embora a FNLA fosse bastante insignificante militarmente, conseguiu sobreviver durante muito tempo graças a esta aliança.

4.1.3 UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

A UNITA foi formada em 1966 por uma cisão da FNLA sob o comando de Jonas Savimbi, depois de ele ter renunciado em 1964 o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros no governo da FNLA no exílio denominado GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio). Foi formado principalmente por membros das tribos Ovimbundu e Chokwe, que, juntamente com o povo comum que exigia o fim do colonialismo, formaram a principal base de apoio ao movimento. No início, o partido adotou uma postura maoísta, que lhe conquistou o apoio da China, mas depois provou a sua força e tornou-se o principal adversário do MPLA, graças ao qual recebeu também o apoio dos Estados Unidos e da África do Sul. Ao mesmo tempo, como único movimento durante a guerra colonial, cooperou com os portugueses e não se opôs à ideia de transformar o império colonial português numa federação de estados lusófonos.

4.1.4 Fatores que afetam as relações entre esses três movimentos

Como podemos ver, cada um dos movimentos contou com apoio estrangeiro, o que acrescentou uma dimensão internacional ao conflito aparentemente "interno". Como observou Klíma em 2001: "Em Angola e Moçambique, todos os pequenos partidos nacionalistas foram acompanhados desde o início por divergências e lutas entre facções, refletindo influências ocidentais ou orientais. A dissociação das colónias da união existente ameaçou, portanto, simultaneamente cada país com a discórdia interna e com o facto de ser puxado para a esfera de influência dos vizinhos, potências regionais ou mundiais"¹⁴.

Outro aspeto que influenciou fortemente as relações entre estes partidos foi, sem dúvida, a sua pertença a uma certa etnia ou área – "os alicerces do nacionalismo angolano não eram muito fortes e tinham um grande contexto regional e étnico-tribal"¹⁵.

¹⁴ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 33 – traduzido por mim de „V Angole a Mosambiku provázely všechny malé nacionalistické strany od počátku neshody a frakční boje, v nichž se odrážely buď západní nebo východní vlivy. Vyvázání kolonií z dosavadního svazku tedy zároveň hrozilo každé zemi jak vnitřní nesvorností, tak stržením do sféry vlivu sousedů, regionálních nebo světových mocností.“

¹⁵ Klíma, Jan. 2000. *Dekolonizace portugalské koloniální říše: historická motivace - specifika - průběh*. Hradec Králové: Gaudeamus. pp. 229 – traduzido por mim de „základy angolského nacionalismu nebyly příliš silné a měly silný regionální a tribálně etnický kontext.“

Por último, mas não menos importante, não podemos deixar de mencionar os missionários, cuja educação baseada em diferentes crenças religiosas criou muitas vezes uma divisão entre a população local. "Especialistas advertiram que o rancor entre os líderes da resistência resultou, entre outras coisas, do facto de Holden Roberto ter sido criado pelos batistas, Agostinho Neto pelos metodistas e Jonas Savimbi por United Church of Christ"¹⁶.

4.2 Guerra Colonial

Na manhã de 4 de fevereiro de 1961, com um incidente relativamente pequeno e malsucedido em que um grupo de revolucionários atacou uma penitenciária militar e uma prisão civil no bairro São Paulo em Luanda, segundo os representantes do comitê de exílio do movimento MPLA, a luta armada contra os colonizadores portugueses começou em Angola. No entanto, não houve revolta nacional, o MPLA foi expulso de Luanda e estabeleceu a sua primeira frente militar na segurança da região montanhosa dos Dembos, no noroeste do país.¹⁷

Enquanto a notícia foi recebida com entusiasmo num mundo com os olhos fixos na descolonização do Terceiro Mundo e nas possibilidades que este trazia às potências mundiais, o governo Salazar, lutando com os seus próprios problemas, enfrentou um desafio que lhe era desconhecido. De repente ficou sozinho contra o resto do mundo¹⁸ tentando salvar a sua maior jóia colonial.

Entretanto isso, o líder do movimento UPA, Roberto tentando conseguir uma parte dessa atenção também para sua organização, inventava um plano para "limpar" o norte do país dos brancos. Um mês depois, desencadeou um massacre de proporções sem precedentes, durante o qual os colonos brancos portugueses e todas as suas famílias foram massacrados, e ao qual o exército colonial só respondeu depois de a destruição já ter sido concluída. Gradualmente, a administração colonial portuguesa perdeu a confiança dos seus próprios habitantes que viviam no território de Angola. Também interessante é o facto de os Estados Unidos terem caído em desgraça tanto em Portugal como em Angola, dado que eram vistos como os instigadores deste ataque devido ao seu apoio a Robert.

¹⁶ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 91 – traduzido por mim de „Znalci upozorňovali, že nevráživost mezi odbojovými předáky pramení mimo jiné ze skutečnosti, že Holden Roberto byl vychováván u baptistů, Agostinho Neto u metodistů a Jonas Savimbi v United Church of Christ.“

¹⁷ George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge. pp. 9

¹⁸ Até os Estados Unidos votaram ao lado da URSS contra o seu aliado tradicional.

Em resposta aos acontecimentos, surgiu novamente a ideia de reformar a política colonial, mas Salazar deixa-a de lado. No entanto, as suas débeis tentativas de uma solução política para o conflito, como a aprovação de uma nova constituição que declarasse as colónias parte integrante do estado, falharam.

Entretanto, o apoio dos grupos anti-portugueses por parte das potências mundiais crescia. Nikita Khrushchev enviou uma carta ao então chefe do MPLA, seu fundador, Mário Pinto de Andrade, expressando apoio ao seu movimento: "O governo soviético e o povo soviético têm sentimentos de profunda solidariedade com o povo angolano na sua luta pela liberdade e independência nacional e estamos prontos para prestar toda a assistência e apoio a esta luta justa..."¹⁹. Ao mesmo tempo, o Conselho de Segurança Nacional dos EUA aprovou o financiamento secreto da UPA, mas Roberto se vangloriou deste apoio e os Estados Unidos caíram na mesma desgraça que o comunismo mundial aos olhos de Salazar. Observou mesmo que "o nacionalismo não existia em Angola até que os Estados Unidos o inventaram"²⁰. Porém, a sua opinião obstinada de que o modelo integral de coexistência era o único correto apenas prejudicou o império.

A luta contra o exército colonial foi constantemente enfraquecida pelas disputas internas da resistência angolana. O MPLA e a UPA tentaram cooperar juntos em Léopoldville, mas o movimento quase inoperante de Holden Robert só tornou tudo mais difícil com eternos ataques contra o MPLA. Mais tarde, a UPA juntamente com o PDA criam a FNLA e em Abril de 1962 anunciam a criação do GRAE – Governo Revolucionário de Angola no Exílio, para o qual o MPLA não foi convidado.²¹ No ano seguinte, a FNLA foi reconhecida pela Organização da Unidade Africana como uma organização de resistência legítima e conseguiu assim o seu apoio financeiro.²²

António Agostinho Neto assume a liderança do MPLA e no início de 1964 abre uma frente estrategicamente vantajosa para eles em Cabinda, que está separada do território angolano pela foz do rio Congo e por uma estreita faixa de território zaireense.²³ Os conflitos

¹⁹ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 51 – traduzido por mim de „Sovětská vláda a sovětský lid chovají city hluboké solidarity k angolskému lidu v jeho boji za svobodu a národní nezávislost a jsou připraveni poskytnout veškerou pomoc a podporu tomuto spravedlivému boji...”

²⁰ Idem, pp. 55

²¹ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 688

²² Nálevka, Vladimír. 2004. *Čas soumraku: rozpad koloniálních impérií po druhé světové válce*. Dějiny do kapsy 24. Praha: Triton. pp. 158

²³ Brönnner, Gabriele, e Jürgen Ostrowsky. 1977. *Angolská revoluce*. Svět v pohybu (Svoboda). Praha: Svoboda. pp. 38

entre as duas organizações de resistência culminaram na transferência da sede do MPLA para Brazzaville, de onde as suas tropas puderam penetrar tranquilamente na selva de Cabinda.

Nos anos 1963-1967, Portugal enfrentou a condenação das Nações Unidas e a exclusão de todo o tipo de organizações internacionais nas quais eram admitidos representantes dos movimentos de libertação nacional, mas apesar disso, Salazar não estava disposto a recuar e negociar com organizações de resistência, nem transformar o império numa espécie de commonwealth português.

Gradualmente, a FNLA também começou a desintegrar-se, de onde saíram vários líderes, incluindo Jonas Savimbi, que fundou a sua própria organização de resistência unindo principalmente a nacionalidade maioritária Ovimbundu, e graças ao apoio da China, rapidamente se tornou um homem importante. O MPLA tornou-se o representante legítimo do povo angolano reconhecido pela Organização da Unidade Africana. O apoio dos governos da Tanzânia e da Zâmbia facilitou o abastecimento e em 1966 nada impediu a abertura de uma terceira frente no leste do país nas províncias do Moxico e Cuando Cubango. Em Maio de 1968, os guerrilheiros do MPLA penetraram nas províncias da Lunda e Malange, onde estabeleceram uma quarta frente no nordeste do país, um mês depois abriram uma quinta frente no centro do país no Bié.²⁴ Durante 1968, o MPLA estabeleceu-se firmemente no interior oriental, estabelecendo escolas, centros de saúde, campos de treino militar e centros de educação política.²⁵

Os Estados Unidos ofereceram a Portugal uma extensa ajuda económica em troca do reconhecimento do princípio da autodeterminação dos povos e da realização de referendos em territórios ultramarinos – mas novamente entraram em conflito com Salazar. Ele agora tinha esperanças crescentes de salvação com a nascente coligação do Sul Africano que defendia o conceito de uma África branca.²⁶

O governo português tentou desenvolver Angola e obter reconhecimento internacional à custa do seu próprio país – foram construídas centrais hidroeléctricas, foi criado um banco de crédito, a indústria de processamento desenvolveu-se, o número de alunos que frequentam escolas primárias e secundárias aumentou acentuadamente, e a universidade também prosperou. Três angolanos foram mesmo aceites como deputados de Angola na

²⁴ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 689

²⁵ Fiala, Vlastimil. 2012. *Politické stranictví v afrických lusofonních zemích*. Hradec Králové [i.e. Olomouc]: Iuridicum Olomoucense. pp. 47

²⁶ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 88

Assembleia Nacional portuguesa.²⁷ Porém, estas medidas que visavam o desenvolvimento do país não foram respeitadas, o mundo só estava interessado na descolonização. Além disso, algumas destas medidas só poderiam ser consideradas uma farsa, visto que os estudos universitários duravam apenas três anos, a maioria dos estudantes eram portugueses brancos e os deputados angolanos não tinham nenhum voto decisivo.²⁸

Uma reviravolta inesperada ocorreu em 3 de agosto de 1968, quando Salazar caiu, sofreu um derrame cerebral e foi forçado a renunciar o cargo de primeiro-ministro. Após a sua demissão do cargo governamental, Marcelo Caetano tornou-se o novo primeiro-ministro. Ele tinha uma visão ligeiramente diferente da questão das colónias do seu antecessor e teve de lidar com a pressão da sua própria população exigindo o fim da guerra colonial sem Portugal perdendo suas colónias. No entanto, não se observaram muitas mudanças em Angola após a sua chegada.

Apesar de Cabinda ser um território muito conhecido para o MPLA, as forças governamentais conseguiram, em 1967-1968, expulsar da área unidades do MPLA lideradas por especialistas em guerrilha cubana. A Organização da Unidade Africana preferia o MPLA, que, graças à sua determinação militar e à ignorância americana pelos acontecimentos recentes no continente negro, crescia em importância.²⁹ No período entre 1971-1972, o progresso do MPLA abrandou, o que, segundo a autocrítica da direção, se deveu ao facto de "o movimento ter sobrestimado as conquistas até então e permitido uma maior concentração da população no territórios libertados, que ficaram assim mais expostos aos ataques portugueses.³⁰ " O movimento também sofria de falta de armas e munições, mas no ano seguinte conseguiram organizar uma revolta na região do rio Cunene, o que lhes permitiu abrir uma sexta frente no sudoeste do país.

No XXIV Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1971 no seu discurso Agostinho Neto agradeceu: "Durante estes dez anos de luta armada, o nosso movimento, o nosso povo e os nossos combatentes... conheceram a amizade e o apoio do povo soviético. Consideramos o Partido Comunista da União Soviética como uma das principais

²⁷ Brönnner, Gabriele, e Jürgen Ostrowsky. 1977. *Angolská revoluce. Svět v pohybu* (Svoboda). Praha: Svoboda. pp. 49

²⁸ Idem, pp. 50

²⁹ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 130

³⁰ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 690 – traduzido por mim de „hnutí přecenilo dosavadní úspěchy a dovolilo větší soustředění obyvatelstva na osvobozených územích, které tím bylo více vystavováno portugalským náletům.“

forças em que confiamos para desenvolver o nosso avanço revolucionário.³¹ Noutra ocasião, também agradeceu a outros países socialistas, como a Checoslováquia e Cuba.

Os aliados da resistência angolana tornaram-se também organizações guerrilheiras comunistas que operam no próprio Portugal, que com os seus ataques terroristas impediram o fornecimento de armas e equipamentos a África e perturbaram o funcionamento do governo de Caetano. Esse governo enfrentou desafios constantes, quer por parte das colónias, quer por pressão dos conservadores salazaristas. Caetano já não sabia como lidar com a situação e por isso a única esperança portuguesa para manter Angola era a incapacidade de cooperar entre as fações da resistência angolana.

Em Dezembro de 1972, com a ajuda do ditador zaireense Mobutu, foi confirmada a cooperação entre o MPLA e a FNLA, que visava principalmente evitar a destruição da FNLA, mas ao mesmo tempo pretendia permitir ao MPLA retomar as operações contra o exército português do Zaire.³² No final, porém, esta cooperação nem sequer ocorreu de facto. Portanto, as lutas internas entre as organizações de libertação continuaram em Angola, cuja arma mais forte era o bluff mediático. O Ocidente começou gradualmente a perder interesse em África e, assim, deu rédea solta às ambições do Oriente comunista.

A guerra começou a estagnar, mas o moral dos soldados portugueses permaneceu elevado apesar dos tumultos em Lisboa. Luanda estava mesmo completamente calma no início de 1973, a única militarmente ativa FAPLA³³ foi considerada derrotada. Portugal enfrentava agora apenas forças de guerrilha da SWAPO³⁴ no sul do país que lutavam pela independência da Namíbia.

Até ao golpe militar incruento de Lisboa liderado por um grupo de jovens oficiais do Movimento das Forças Armadas em 25 de Abril de 1974, cujo principal slogan era "democratização interna e descolonização em África", a paz reinou em Angola.³⁵ Mas depois tudo começou a andar rapidamente, os dignitários portugueses em posições importantes da

³¹ Brönnner, Gabriele, e Jürgen Ostrowsky. 1977. *Angolská revoluce. Svět v pohybu* (Svoboda). Praha: Svoboda. pp. 69 – traduzido por mim de „Za těchto deset let ozbrojeného boje poznalo naše hnutí, náš lid a naši bojovníci ... přátelství a podporu sovětského lidu. Považujeme Komunistickou stranu Sovětského svazu za jednu z hlavních sil, na něž se spoléháme při rozvíjení našeho revolučního postupu vpřed.“

³² Fiala, Vlastimil. 2012. *Politické stranictví v afrických lusofonních zemích*. Hradec Králové [i.e. Olomouc]: Iuridicum Olomoucense. pp. 49

³³ Forças Armadas Populares de Libertação de Angola – o exército do MPLA

³⁴ South-West African People's Organization

³⁵ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 164

administração colonial mudaram, várias organizações começaram a surgir exigindo a independência total ou a criação de uma federação de estados lusófonos.

A UNITA queria continuar a cooperação com Portugal, que já tinha ajudado durante a Guerra da Independência durante a operação Madeira, e assim apoiou a ideia de criação de uma federação. Mas rapidamente a abandonou, pois a independência absoluta que o MPLA tão apaixonadamente defendia parecia muito mais apelativa. A hostilidade que acompanhou as organizações de resistência o tempo todo não permitiu dialogar com elas de uma só vez. A posição privilegiada da UNITA, do MPLA e da FNLA foi confirmada pelos representantes da secção angolana do MFA, quando propuseram à Comissão de Coordenação de Descolonização reconhecer este trifólio como parceiros legítimos nas negociações de independência.³⁶

A UNITA foi a primeira a assinar um cessar-fogo com os portugueses no dia 14 de Junho sem quaisquer condições, e em meados de Outubro, com a ajuda do presidente da República Democrática do Congo Mobutu, Lisboa conseguiu também concluir um cessar-fogo com a FNLA. O MPLA, que na altura lidava com problemas internos, também concordou finalmente com um cessar-fogo em 21 de Outubro.

Um governo de coligação provisório composto por movimentos de guerrilha e representantes dos maiores grupos étnicos deveria ser formado, eleições democráticas deveriam ser realizadas no prazo de dois anos e o parlamento formado a partir delas teria decidido então o destino de Angola. Mas os constantes confrontos dos movimentos nacionalistas condenaram antecipadamente este plano ao fracasso.

O crescimento da Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), fundada em 1963, não acalmou ninguém. Foi ainda dividida em fações que lutavam entre si, pelo que, durante algum tempo, a UNITA, a FNLA e o MPLA reconciliaram-se sob pressão dos seus patronos estrangeiros para lidarem com Portugal como um só. Ao mesmo tempo, concordaram que nenhuma outra organização política angolana deveria interferir nestas negociações e que trabalhariam em conjunto para manter Cabinda, rica em petróleo.

De 10 a 15 de Janeiro de 1975, decorreram negociações em Alvor, no sul de Portugal, entre o governo português e representantes dos movimentos de resistência, nas quais acordaram na liderança conjunta do país até à declaração de independência em 11 de Novembro de 1975 – quadricentenário da fundação de Luanda. A FLEC não foi incluída nas negociações, pois de acordo com o Capítulo I do Acordo de Alvor, o terceiro artigo definia que "Angola

³⁶ Fiala, Vlastimil. 2012. *Politické stranictví v afrických lusofonních zemích*. Hradec Králové [i.e. Olomouc]: Iuridicum Olomoucense. pp. 10

constitui uma entidade una e indivisível, nos seus limites geográficos e políticos actuais e, neste contexto, Cabinda é parte integrante e inalienável do território angolano."³⁷ Um governo de transição tripartido e um exército nacional conjunto deveriam ser formados para facilitar a harmonização das relações no país. Parecia que tempos melhores finalmente chegavam a Angola depois de todas as desgraças.

No entanto, a calma não durou muito e os conflitos sangrentos começaram novamente a todo vapor. Portugal, intoxicado pela ideologia comunista, já não estava interessado em confortar a situação, e os seus soldados esperavam uma saída rápida desta atmosfera agravada que prevalece em todas as partes do país. Em Junho, porém, houve a última tentativa de unir as facções e encontrar um compromisso satisfatório, e embora todos os movimentos se tenham comprometido a não recorrer à violência, nunca puseram esta promessa em prática. Eles desencadearam as maiores operações militares entre eles até o momento e, em meados de Agosto, os combates já haviam paralisado todo o país.³⁸

Cada vez mais, esta guerra tornou-se um conflito por procuração entre o Oriente e o Ocidente, o envolvimento de forças estrangeiras de todos os lados era a regra e não a exceção – as tropas da UNITA foram treinadas na China e juntaram-se à África do Sul defendendo a ideia de "África branca", o MPLA era apoiado pelo Oriente comunista e a FNLA, além do Zaire, recebia suporte financeiro do Ocidente anticomunista. Dizia-se que cerca de 300 conselheiros americanos trabalhavam nas unidades da FNLA e da UNITA nessa altura.³⁹

A partir da Primavera de 1975, informadores e instrutores da CIA também trabalharam em Angola. Um comité da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos pretendia fornecer uma quantia considerável para apoiar a FNLA e a UNITA, mas isto causou uma reação negativa nos Estados Unidos à luz das recentes descobertas de que a CIA estava por trás da derrubada do governo de Allende no Chile, ou depois do caso Watergate⁴⁰, e assim, no final do ano, o Senado rejeitou por uma grande maioria de votos o envolvimento americano

³⁷ Klíma, Jan. 2019. *Dějiny Angoly*. Vydání druhé. Dějiny států. Praha: NLN. pp. 237 – traduzido por mim de „Angola představuje jedinou a nedělitelnou entitu ve svých současných geografických a politických hranicích, přičemž v tomto kontextu tvoří Cabinda integrální a neoddělitelnou součást angolského území.“

³⁸ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 167

³⁹ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 70

⁴⁰ O caso Watergate foi um escândalo político nos Estados Unidos na década de 1970, marcado pela invasão à sede do Comitê Nacional Democrata e pela tentativa de encobrir o envolvimento da administração Nixon, resultando na renúncia do presidente Richard Nixon em 1974.

em Angola. Henry Kissinger respondeu a esta votação dizendo que era "uma manifestação da incapacidade do Congresso de enfrentar a agressão comunista".⁴¹

O envio dos primeiros voluntários cubanos começou em 21 de Agosto, e a vanguarda dos especialistas mais urgentemente necessários utilizou voos comerciais internacionais. Pequenos grupos continuaram a chegar a Luanda por via aérea e a maioria chegou após uma viagem de duas semanas a bordo de três navios de carga cubanos. Após o apelo de Brejnev a Havana, as primeiras tropas cubanas começaram a desembarcar em Porto Amboim já no dia 5 de Outubro. Todos os cubanos enviados para Angola eram estritamente voluntários, selecionados com base nas suas convicções ideológicas, capacidades técnicas e, ao mesmo tempo, para não chamar a atenção, eram todos negros.⁴²

O exército sul-africano entrou no país a 23 de Outubro com o objetivo de tomar a central hidroeléctrica de Ruacaná, no rio Kunene, da qual a Namíbia – então parte da África do Sul – dependia. Após a saída dos portugueses, a África do Sul perdeu um aliado que ajudou a manter o regime do apartheid no poder e estava preocupada com a sua posição, já enfraquecida pelas unidades da SWAPO. E por isso decidiu realizar uma intervenção militar no território de Angola, para ajudar as unidades da FNLA e da UNITA ao poder e assim garantir a continuidade da aliança, esta operação chamava-se Savannah. A maioria das unidades das FAPLA lutava no norte e centro do país naquela altura, pelo que não causaram grandes problemas ao exército sul-africano no seu rápido avanço para norte.

As fontes divergem sobre quem deu o primeiro impulso ao lançamento da intervenção. A oeste do nosso país, a opinião que prevalece é que no dia 3 de Novembro, logo após a insistência de Argüelles⁴³, Neto pediu a Cuba assistência militar imediata e em grande escala. No nosso país, os autores tendem a acreditar que Neto primeiro recorreu a Leonid Brezhnev em busca de ajuda, mas que ele não queria enviar os seus próprios soldados para Angola, e por isso contactou Castro. As respostas à questão de por que razão Brejnev estava relutante em enviar tropas soviéticas para Angola também variam – uma fonte afirma que temia que a intervenção soviética provocasse a intervenção dos EUA, por exemplo Vladimir Nálevka afirma que "Brezhnev pediu a Castro que interviesse rapidamente. A União Soviética não queria

⁴¹ Nálevka, Vladimír. 2010. *Horké krize studené války*. Moderní dějiny. Praha: Vyšehrad. pp. 151 – traduzido por mim de „projevem neschopnosti Kongresu čelit komunistické agresi.“

⁴² George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge. pp. 26

⁴³ Argüelles foi o comandante da missão militar cubana em Angola.

arriscar a participação das suas próprias forças armadas no conflito angolano."⁴⁴ Afirma ainda que "Ele, no entanto, ofereceu assistência material total e o transporte aéreo da força expedicionária cubana rapidamente formada."⁴⁵ Quer o pedido tenha vindo diretamente ou através de um intermediário soviético, Castro decidiu no dia seguinte lançar uma intervenção de escala sem precedentes com o codinome "Operação Carlota." Chegou mesmo a superar as expectativas de Neto com a extensão da assistência, afirmando: "Se fôssemos enviar os nossos homens, teríamos que enviar um número suficiente deles para poder cumprir a missão e defender-se, porque um grupo muito pequeno simplesmente seria condenado ao fracasso."⁴⁶

⁴⁴ Idem, pp. 151 – traduzido por mim de „Brežněv požádal Castra o rychlý zásah. Sovětský svaz nechtěl riskovat účast svých vlastních ozbrojených sil v angolském konfliktu.“

⁴⁵ Nálevka, Vladimír. 2000. *Světová politika ve 20. století. 2.* Praha: A. Skřivan. Pp. 171 – traduzido por mim de „Nabídl však celkové materiální zabezpečení a leteckou přepravu rychle formovaného kubánského expedičního sboru.“

⁴⁶ Nálevka, Vladimír. 2010. *Horké krize studené války.* Moderní dějiny. Praha: Vyšehrad. pp. 152 – traduzido por mim de „Pokud jsme měli vyslat naše muže, museli jsme jich vyslat tolik, aby byli schopni splnit misi a ubránit se, protože příliš malá skupina by byla jednoduše odsouzena k zániku.“

5 A intervenção cubana em Angola

5.1 Contactos entre Cuba e o MPLA antes da intervenção – cooperação inicial

O movimento cubano *Movimiento 26 de julio* estabeleceu os primeiros contactos informais com o MPLA no final da década de 1950 através da Casa dos Estudantes do Império – organização que cobria a sua atividade política com o seu carácter cultural e social.⁴⁷ Aqui reuniram-se estudantes africanos, que mais tarde foram recrutados de lá para os movimentos de libertação da África portuguesa. Desde o início Cuba deu apoio verbal ao MPLA e entre 1962-1964 proporcionou educação e treino militar a seis estudantes angolanos que fugiram de Portugal, alguns dos quais se tornaram figuras proeminentes no MPLA. Depois de o MPLA ter estabelecido um escritório em Argel, em Fevereiro de 1963, os seus guerrilheiros começaram a treinar com instrutores cubanos ou argelinos.⁴⁸

O início da cooperação oficial pode ser considerado o dia 5 de Janeiro de 1965, quando Che Guevara visitou a sede do MPLA em Brazzaville. Neto pediu-lhe equipamento e treino para reforços para a primeira frente, que estava isolada da sua liderança devido à expulsão do MPLA de Léopoldville para a vizinha Brazzaville e ficou numa situação lamentável. Também solicitou a ajuda dos guerrilheiros cubanos na segunda frente, em Cabinda, que se encontrava numa situação semelhante. Guevara atendeu ao pedido e enviou instruções a Havana para preparar uma missão militar a Brazzaville.⁴⁹

Argel logo substituiu Brazzaville como centro das operações militares cubanas em África. No final de Maio, os primeiros nove instrutores cubanos chegaram a Brazzaville, seis deles mudaram-se para o Centro de Instrução Revolucionária do MPLA em Dolisie (Loubomo), onde se dividiram em dois pelotões do MPLA e iniciaram a sua operação em Cabinda no início de Junho como os primeiros cubanos a operar em Angola. No entanto, esta cooperação não trouxe muito sucesso no campo de batalha, embora os cubanos tenham ensinado muito aos guerrilheiros do MPLA, mas o terreno duro da selva do Mayombe dificultou consideravelmente todos os seus esforços, e por isso no início de 1966, decidiu-se transferir os cubanos para Brazzaville, de onde posteriormente reforçariam a primeira frente em Dembos.⁵⁰

⁴⁷ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 288-89

⁴⁸ George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge. pp. 22

⁴⁹ Idem, pp. 22-3

⁵⁰ Idem, pp. 28-30

Todos os guerrilheiros do MPLA concentraram-se em Brazzaville, dos quais cerca de uma centena foi selecionada para o destacamento para salvar a primeira frente denominada The Camilo Cienfuegos Column. Os cubanos também ajudaram os angolanos a contrabandear as suas armas para o Congo-Kinshasa, onde as enterraram perto da fronteira angolana. Chegaram à região dos Dembos em Agosto de 1966. Pela primeira vez após quatro anos de isolamento, os guerrilheiros ali receberam notícias do mundo exterior, novas armas e reforços na forma de 100 guerrilheiros armados e treinados.⁵¹

As boas relações entre Havana e o MPLA são também comprovadas pelo facto de, em Janeiro de 1966, o MPLA ter sido a única delegação angolana convidada para a Conferência Tricontinental em Havana. Lá, porém, Castro adotou um novo protegido – Amílcar Cabral⁵², e assim o centro de interesse dos cubanos mudou-se de Brazzaville para Conacri. Ao mesmo tempo, contudo, o MPLA também mudava a sua sede de Brazzaville para Lusaka, pois apostava na recém-formada frente oriental, que era bem acessível de Zâmbia. Quando Neto conheceu Castro em Janeiro de 1966, formou-se uma amizade entre os dois homens. Inebriados pelo sucesso de The Camilo Cienfuegos Column, concordaram em preparar um segundo destacamento para salvar a primeira frente. Castro ofereceu-se para transferir um grupo de instrutores cubanos para Lusaka, mas isso não foi permitido pelo lado zambiano. Por isso concordaram com a formação de guerrilheiros angolanos diretamente em Cuba. Os primeiros noventa homens que completaram este treino de nove meses regressaram à frente oriental no Verão de 1967. Embora pareça que as relações entre Cuba e o MPLA estavam no seu auge naquela altura, o oposto é verdadeiro.⁵³

Em Outubro de 1966, iniciou a preparação de uma segunda tropa de resgate denominada Kamy Column, composto por 150 homens, a maioria dos quais sem experiência militar anterior. A sua árdua campanha terminou num fracasso total – muitos deles afogaram-se, morreram de fome, desertaram ou foram mortos pelos portugueses ou pela FNLA. Os últimos vinte homens foram capturados pela FNLA e nunca mais foram vistos.⁵⁴

Os cubanos que operavam em Angola em 1972 transmitiram a Havana as exigências do MPLA para treino e reforço da guarnição local. Mas não obtiveram uma resposta positiva, porque Cuba continuou a ser focada na Guiné-Bissau. Depois da Revolução dos Cravos, o

⁵¹ Idem, pp. 32-33

⁵² Amílcar Cabral foi o fundador e secretário-geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que esteve no nascimento da Guiné-Bissau independente.

⁵³ Idem, pp. 33-35

⁵⁴ Idem, pp. 35-39

MPLA voltou a pedir apoio, desta vez económico, mas depois também para treino militar e armamento sem obter respostas oficiais.

5.2 Operação Carlota

Em 5 de Novembro de 1975, como mencionado acima, a intervenção cubana direta em Angola foi oficialmente lançada em resposta à invasão sul-africana a partir do sul e ao avanço da FNLA apoiada por tropas zairenses a partir do norte – ambas com o objetivo de assumir o controlo da capital Luanda antes de declaração de independência, que nessa altura estava sob a administração do MPLA.

Foi chamada de "Operação Carlota" em referência ao líder da histórica revolta escravista em Cuba em 1843. Esperava-se o destacamento imediato de 40.000 soldados. Desta vez não foi uma operação secreta, Castro enviou as tropas às suas próprias custas e não escondeu esse facto. O recrutamento de voluntários correu relativamente bem, havia inúmeras pessoas interessadas em ajudar o movimento amigo africano. A primeira tarefa definida foi ajudar o MPLA a controlar Luanda.

Fidel Castro explicou mais tarde o envio dos soldados da seguinte forma: "Quando a invasão de Angola pelas tropas regulares sul-africanas começou no dia 23 de Outubro, não podíamos ficar de braços cruzados. E quando o MPLA nos pediu ajuda, oferecemos a assistência necessária para evitar que o apartheid se estabelecesse confortavelmente em Angola"⁵⁵.

O transporte acabou sendo o maior problema, pois os cubanos tinham apenas três aeronaves obsoletas de médio alcance que não conseguiam cruzar o Oceano Atlântico sem parar. A princípio fizeram escalas em vários locais, mas logo foram impedidos de fazê-lo devido à pressão dos EUA sobre esses países onde as fizeram. Mesmo assim, conseguiram transportar milhares de homens com armamento para Angola. Algumas fontes afirmam que logo no início da intervenção, os soviéticos providenciaram o transporte aéreo de cubanos de Havana para Luanda.

Os cubanos impediram a derrota iminente do MPLA. Ainda em 10 de Novembro, parecia que o sortudo a assumir o controlo da capital no dia da declaração de independência

⁵⁵ GLEIJESES, PIERO. *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976*. University of North Carolina Press, 2002. http://www.jstor.org/stable/10.5149/9780807861622_glejjeses.- traduzido por mim de "When the invasion of Angola by regular South African troops started 23 October, we could not sit idle. And when the MPLA asked us for help, we offered the necessary aid to prevent Apartheid from making itself comfortable in Angola"

seria uma coligação da FNLA, da UNITA, da facção de Chipenda, dos zairenses e dos sul-africanos. Mas o MPLA, utilizando lançadores de foguetes soviéticos tripulados pelos cubanos, atacou as tropas da FNLA em Kifangonda, simultaneamente mantinha posições no rio Keve, mantendo o controlo da capital sitiada⁵⁶, permitindo que Neto declarasse a independência de Angola na noite de 10 para 11 de Outubro.

O almirante português Leonel Cardoso recusou-se a entregar o poder apenas ao MPLA, por isso entregou simbolicamente o país ao povo e deixou-o à mercê da sua sorte.

António Neto, o primeiro presidente angolano, anunciou a criação da república no dia 11 de Novembro, que foi reconhecida nesse dia por 28 estados maioritariamente comunistas. O líder da FNLA, Holden Roberto, proclamou a República Popular e Democrática de Angola em Ambriz no mesmo dia e, juntamente com a UNITA, estabeleceram um "conselho revolucionário" e um governo conjunto em Huambo - no entanto, este agrupamento não foi reconhecido, porque havia ressentimento entre os próprios atores⁵⁷ – os combates entre eles eclodiram já na véspera da declaração de independência.

Juntamente com os cubanos, o MPLA conseguiu manter o enclave de Cabinda. Um mês depois, as tropas cubanas, juntamente com as FAPLA, lançaram uma grande ofensiva no norte. Na frente sul, a artilharia cubana desferiu duros golpes contra as tropas sul-africanas e a UNITA.

A União Soviética inicialmente relutou em ajudar. Só após dois meses, depois da luta ter mudado a favor dos cubanos e do MPLA ter permanecido no comando do país, é que a URSS começou com total apoio. Até o final do ano, 11.000 cubanos com todo o equipamento necessário mudaram-se para Angola com os Il-62 soviéticos. Os conselheiros soviéticos assumiram posições tanto nas guarnições como nas unidades civis. Embora o Senado americano tenha retirado da mesa o apoio financeiro aos movimentos de oposição, a FNLA e a UNITA receberam apoio do Ocidente sob a forma de contribuições financeiras de fundos da CIA.⁵⁸

Embora o MPLA controlasse Luanda e outros locais estratégicos, esteve longe de ser vitorioso, pois a UNITA continuou a sua guerra de guerrilha com a ajuda da República Sul-Africana. As FAPLA entregaram ao MPLA o controlo total de Cabinda após o avanço para Malanje, com a ajuda cubana conseguiu enfrentar a UNITA, os sul-africanos e o resto do "Exército de Libertação Português" no centro do país. Os corpos da FNLA espalhou-se entre Cabinda e Luanda, combatendo a UNITA nas Terras Altas, mas Savimbi teve o conhecimento

⁵⁶ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp.169

⁵⁷ Idem, ibidem.

⁵⁸ Idem, pp. 176

íntimo da região que lhe ajudou a tomar as províncias do Huambo e do Bié e a partir daí controlar todo o sudeste escassamente povoado.⁵⁹

A divisão entre o partido no poder e os seus oponentes aumentou ainda mais – a UNITA foi expulsa das cidades, a FNLA perdeu a sua importância. Os sul-africanos, enfrentando a pressão internacional devido ao apartheid e à invasão, que tinha como objetivo manter e eventualmente expandir a "África branca" e sob a pressão de derrotas militares, começaram a retirar-se do sul em Janeiro de 1976 sob a promessa de Presidente Neto que as centrais hidroeléctricas do rio Kunene não estariam em perigo. No final de Março do mesmo ano, as tropas sul-africanas deixaram o território angolano.⁶⁰

Após a saída das tropas sul-africanas do país, a resistência da FNLA e da UNITA cessou, deixando o MPLA com uma posição exclusiva na chefia do estado. A UNITA também foi derrotada no campo da opinião pública pela sua colaboração com o governo do apartheid, a CIA americana e os mercenários brancos.

Em Março, Castro e Neto concordaram com uma retirada gradual das tropas cubanas do país, com o entendimento de que um número suficiente de cubanos permaneceria em Angola durante o tempo necessário para organizar um exército forte e moderno, capaz de se defender sem ajuda externa. Os cubanos não iam interferir na política interna angolana e começaram a reduzir lentamente o seu número. E como era costume cubano, construíram dezenas de campos de treino no país para guerrilheiros namibianos, rodesianos e sul-africanos.

Em 31 de Março de 1976, o Conselho de Segurança da ONU identificou a África do Sul como o agressor do conflito em Angola e solicitou as reparações pelos danos de guerra.⁶¹ No cenário internacional, a África do Sul estava, por assim dizer, sozinha. O apartheid era por si só desprezível, mas a intromissão na política angolana colocou o último prego imaginário no seu caixão.

Em 1975-1976, além da participação de unidades regulares do exército sul-africano, foram contratados mercenários do Reino Unido, EUA e África do Sul para lutar em Angola. Entre os comandantes dos centros de treinamento e das próprias unidades militares, supostamente também havia ex-membros das unidades SS, SA e Wehrmacht que escaparam ao castigo justo para a Namíbia e a República da África do Sul após a Segunda Guerra Mundial.⁶²

⁵⁹ Idem, pp. 176-7

⁶⁰ Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 706

⁶¹ George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge. pp. 114

⁶² Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda. pp. 454

Em Angola, as unidades mercenárias primaram pela crueldade, não tiveram problemas em queimar aldeias inteiras e assassinar os seus habitantes.⁶³

O país encontrou-se em total decadência. Por um lado, a UNITA, que lidera agora uma guerra de guerrilha apoiada pelo Ocidente, por outro, o MPLA, apoiado pelo Oriente. Angola perdia as suas riquezas naturais, que eram saqueadas sem inibições – as empresas internacionais extraíam petróleo, os diamantes eram revendidos à Europa por pouco dinheiro, os cubanos retiravam madeiras preciosas das florestas de Cabinda e a economia do país continuava a declinar.⁶⁴

O MPLA, juntamente com os cubanos, controlava todas as cidades do sul no final de 1977, mas enfrentou repetidos ataques da UNITA. Embora com a ajuda de Cuba o governo do MPLA tivesse uma base firme, as tentativas cubanas de deixar a defesa do país às FAPLA falharam e rapidamente a própria Cuba foi arrastada para a guerra do MPLA contra a UNITA.

No entanto, segundo os cubanos, a sua missão em Angola era principalmente de natureza humanitária e não militar. Mesmo após o fim da Operação Carlota, milhares de técnicos, médicos e educativos cubanos foram enviados para Angola para preencher as lacunas deixadas pelos portugueses. Em 1978, o sistema de saúde angolano era quase inteiramente gerido por médicos cubanos.⁶⁵

Enquanto isso, a luta continuou. Em Julho de 1977 a UNITA abateu um avião do governo, em Janeiro de 1978 os zairenses juntamente com os sul-africanos bombardearam as zonas fronteiriças no norte e no sul, em Março o exército zairense atravessou a fronteira angolana numa altura em que as FAPLA estavam ocupadas a combater a UNITA no planalto central. A partir de Janeiro, o MPLA passou também a apoiar a SWAPO (cujo objectivo era a independência da Namíbia), o que significava ajudar ao longo de toda a fronteira sul do país, onde unidades do exército sul-africano penetravam para intimidar os guerrilheiros namibianos. Em 10 de setembro de 1979, morre o presidente Neto, e seu sucessor – um engenheiro petrolífero formado em Moscovo – José Eduardo dos Santos, imediatamente após assumir o cargo de presidente, declara fidelidade à ideologia do Oriente.⁶⁶

O novo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, acreditava que só seria capaz de derrotar a URSS pressionando todos os seus satélites e objetos de interesse e, portanto,

⁶³ Idem, pp. 322

⁶⁴ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 177

⁶⁵ George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge. pp. 143-158

⁶⁶ Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri. pp. 178

o governo dos EUA pediu ao Congresso em Março de 1981 que revogasse a tão chamada Emenda Clark, devido à qual não poderia apoiar diretamente nenhum dos partidos da oposição, incluindo a UNITA de Savimbi. O Senado revogou efetivamente a Emenda em 1 de Outubro e dois meses depois Savimbi recebeu uma promessa de ajuda do Departamento de Estado. Entretanto, o seu movimento conseguiu apoderar-se da maior parte do Planalto Central, grande parte do sudeste e, mais importante, do estrategicamente importante caminho de ferro de Benguela. No quinto congresso da UNITA, em Julho seguinte, concretizaram os seus objetivos e estabeleceram como o principal a expulsão dos cubanos de Angola.⁶⁷

O apoio à independência da Namíbia fez com que o MPLA se encontrasse em constante conflito com a República da África do Sul. A partir de Janeiro de 1981, a frequência dos combates contra o MPLA e o seu aliado SWAPO aumentou. A República de Angola foi portanto afetada por ações hostis principalmente do sul, os sul-africanos também bombardearam o norte do país, mas também intervieram nas zonas centrais. O governo tentou resolver esta situação em Janeiro de 1983, negociando com a África do Sul nas ilhas de Cabo Verde. Em Abril desse ano, o Secretário de Estado reuniu-se com o seu homólogo americano para discutir a possibilidade de retirada das tropas cubanas de Angola.⁶⁸

Embora parecesse que a intervenção estrangeira seria limitada, a guerra civil estava a ganhar força. Além de combater, a UNITA também optou pela tática de ganhar visibilidade por meio do sequestro de especialistas estrangeiros. Em 1979, uma fábrica de papel e celulose reconstruída no Alto Catumbela entrou em funcionamento como uma instituição modelo de "amizade Checoslováquia-Angolana". Na manhã de sábado, 12 de Março de 1983, o Alto Catumbelo foi invadido pela UNITA e começou a longa marcha de 66 cidadãos checoslovacos até à residência de Savimbi, perto da conturbada fronteira com a Namíbia. Este ato tornou a UNITA visível na cena internacional, e o governo checoslovaco teve de negociar com eles, quer queira quer não.⁶⁹ Isto e os raptos de outros especialistas – por exemplo da Bulgária ou de Portugal, apenas aprofundaram a imagem da destruição de Angola no mundo, e as relações entre o mundo comunista e o MPLA tornaram-se consideravelmente mais tênues, os países já não queriam arriscar a vida dos seus próprios especialistas.

Em Outubro de 1984, as FAPLA praticamente destruíram os últimos remanescentes da FNLA, deixando apenas o MPLA e a UNITA em Angola. Ao mesmo tempo, a Guerra Fria começou a diminuir e, com a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder, o apoio ao MPLA da

⁶⁷ Idem, *ibidem*.

⁶⁸ Idem, pp. 179

⁶⁹ Idem, *ibidem*.

URSS foi bastante reduzido. Os sul-africanos ainda penetraram profundamente no território de Angola em Setembro de 1985, a UNITA e o MPLA ainda lutavam entre si, mas a Guerra Fria já estava a terminar.⁷⁰

Apenas as forças armadas sul-africanas foram capazes de combater as capazes tropas cubanas.⁷¹ "A unidade básica de combate dos cubanos era o chamado grupo tático móvel, ou seja, cerca de mil homens com tanques, veículos blindados e complexos de artilharia, que também se beneficiavam da superioridade aérea."⁷² Por exemplo em 1987, 40.000 cubanos com 600 tanques e dez helicópteros de combate dispersaram completamente um grande grupo militar sul-africano na segunda maior batalha africana da história na área de Cuanavale.⁷³ Castro nunca deixou de criticar os conselheiros militares soviéticos em Angola, que não só não confiavam nele, como também sabotaram de facto os seus planos estratégicos.

5.3 Retirada das tropas cubanas

Em Julho de 1988, numa conferência em Nova Iorque, representantes de Angola, Cuba e da República Sul-Africana concordaram numa solução para a questão da Namíbia – a África do Sul reconhecerá a independência da Namíbia, Cuba retirará as suas tropas de Angola sob a supervisão de observadores armados da ONU. Em Dezembro do mesmo ano, após quatro rondas de negociações, Londres, Cairo, Nova Iorque e Genebra, foi alcançado um acordo provisório entre a África do Sul, Cuba e Angola sobre um cessar-fogo e a retirada gradual das tropas estrangeiras de território angolano.⁷⁴

A presença militar cubana em Angola continuou até 1990. A presença humanitária continua até hoje.

O armistício entre a rebelde UNITA e o governo MPLA foi confirmado pela assinatura em Luanda apenas em 2002 – um dos principais motivos que tornou isso possível foi a morte de J. Savimbi em Março do mesmo ano, que se opôs a qualquer trégua com o MPLA.⁷⁵

⁷⁰ Idem, pp. 180

⁷¹ Nálevka, Vladimír. 1997. *Fidel Castro: podzim diktátora*. Portréty, sv. 6. Praha: Epoque. pp. 69

⁷² Nálevka, Vladimír. 2010. *Horké krize studené války*. Moderní dějiny. Praha: Vyšehrad. pp. 152 – traduzido por mim de „Základní bojovou jednotkou Kubánců byla tzv. mobilní taktická skupina, tj. zhruba tisíc mužů s tanky, obrněnými transportéry a dělostřeleckými komplexy, která těžila i z letecké převahy.“

⁷³ Idem, ibidem.

⁷⁴ Nálevka, Vladimír. 2000. *Světová politika ve 20. století*. 2. Praha: A. Skřivan. pp. 171

⁷⁵ Nálevka, Vladimír. 2004. *Čas soumraku: rozpad koloniálních impérií po druhé světové válce*. Dějiny do kapsy 24. Praha: Triton. pp. 163

A intervenção cubana em Angola teve uma série de consequências para este país africano. Um dos aspetos chave foi o fortalecimento do governo do MPLA e a consolidação do seu controlo sobre o país. Graças ao apoio militar de Cuba, conseguiu suprimir a oposição e manter a estabilidade política. Isto também permitiu a estabilização do país, que desempenhou um papel importante na recuperação e reunificação de Angola após a independência de Portugal e durante a subsequente guerra civil.

A intervenção cubana também ajudou o MPLA a afastar ameaças externas, especialmente da África do Sul e dos seus aliados que apoiavam grupos rebeldes em Angola, garantindo assim a segurança e a soberania do país.

A intervenção também resultou na crescente influência de Cuba na região, permitindo ao país tornar-se um importante ator político em África. Além do apoio militar, Cuba também investiu no desenvolvimento de Angola, que incluiu projetos de infra-estruturas, cuidados de saúde e educação. Esta cooperação contribuiu para o desenvolvimento a longo prazo do país e permitiu que os cidadãos angolanos recebessem educação e formação em Cuba, o que fortaleceu os recursos humanos e contribuiu para o desenvolvimento do país.

Não é possível afirmar com certeza se esta intervenção teve um efeito negativo ou positivo no desenvolvimento do país. O que não pode ser questionado, porém, é o seu enorme impacto no funcionamento do país até hoje.

5.4 Quem foi o instigador de intervenção?

A decisão de Fidel Castro de intervir em Angola em 1975 foi um momento crucial na história da política externa cubana e marcou um afastamento significativo do papel tradicional do país no apoio aos movimentos revolucionários na América Latina. A intervenção foi motivada por uma complexa interação de fatores, incluindo zelo ideológico, considerações estratégicas e interesses económicos. Embora a União Soviética tenha desempenhado um papel significativo no apoio à intervenção, não foi a principal força motriz por trás da decisão de Castro.

A intervenção foi motivada pelo desejo de expandir a influência de Cuba em África e de reduzir a presença crescente das potências ocidentais na região. O líder cubano via o MPLA, que combatia a UNITA e a FNLA, como um aliado natural na luta contra o colonialismo e o imperialismo. A lealdade de Castro ao MPLA também estava enraizada na sua ideologia marxista-leninista, que enfatizava a importância de apoiar movimentos revolucionários em todo o mundo.

A intervenção foi um passo estrategicamente sólido para Cuba, pois permitiu ao país projetar o seu poder militar para além das fronteiras da ilha e demonstrar a sua capacidade

de defender os seus aliados. O envio de tropas cubanas para Angola também serviu para dissuadir potenciais ameaças à própria segurança de Cuba, especialmente por parte dos Estados Unidos.

A intervenção de Castro em Angola também foi motivada por considerações económicas. Angola era um grande produtor de petróleo e o envolvimento de Cuba no conflito permitiu-lhe obter acesso a estes recursos. Os benefícios económicos da intervenção foram consideráveis, com Angola a fornecer a Cuba reservas petrolíferas significativas e apoio financeiro. Castro aparentemente viu nesta intervenção uma oportunidade de se libertar da influência da União Soviética, da qual Cuba era completamente dependente economicamente. Os soviéticos pagaram a mais pelo açúcar cubano enquanto vendiam petróleo a Cuba a preços baixos. Castro não concordava com muitos aspetos da política soviética, por isso ficou compreensivelmente frustrado com esta união e tentou libertar-se dela.

Embora a União Soviética tenha desempenhado um papel significativo no apoio à intervenção, não foi a principal força motriz por trás da decisão de Castro. O envolvimento da União Soviética limitou-se em grande parte à prestação de assistência militar e apoio logístico às forças cubanas. No início, a URSS deixou claro que não acreditava nesta missão e só começou a apoiá-la no momento em que as tropas cubanas e o MPLA começaram a prosperar.

A autonomia de Castro na decisão de intervir era evidente na medida em que não procurou a aprovação direta da União Soviética antes de enviar tropas. Pode-se, portanto, considerar que a intervenção em Angola foi uma decisão complexa e multifacetada, influenciada por uma combinação de fatores ideológicos, estratégicos e económicos.

6 Conclusão

Em Novembro de 1975, Cuba lançou a sua maior intervenção militar em Angola, durando quinze longos anos. Os soldados cubanos lutaram ao lado do MPLA e ajudaram-no a consolidar o controlo sobre cidades-chave e a fortalecer as suas capacidades militares em batalhas contra a UNITA, a FNLA, as forças militares sul-africanas e zaienses. Foi um dos maiores conflitos por procuração da Guerra Fria, mas acima de tudo um dos acontecimentos mais importantes da política internacional cubana, no qual Castro depositou muitas esperanças.

Podemos, portanto, afirmar que a intervenção cubana em Angola representou um capítulo importante tanto na história da Cuba como na política regional da África Austral. Foi uma intervenção motivada não só pelos ideais de internacionalismo e solidariedade, mas também pelos interesses estratégicos de Cuba no contexto da Guerra Fria. As unidades militares cubanas desempenharam um papel fundamental no fortalecimento da luta de Angola pela independência e no combate aos esforços da África do Sul e dos seus aliados para dominar a região.

Apesar da controvérsia e das críticas de alguns países, a intervenção cubana em Angola foi vista por muitos estados africanos e movimentos de libertação como uma demonstração de solidariedade e apoio na luta contra o colonialismo, o racismo e os interesses imperiais. A sua influência no desenvolvimento do conflito e na nascença de uma Angola independente não pode ser subestimada.

No entanto, importa referir que a intervenção cubana em Angola também deixou consequências, como as complicadas relações entre Cuba e alguns países africanos ou a influência a longo prazo na organização política e na segurança da região. A intervenção cubana em Angola representa um acontecimento significativo na história mundial que é indispensável para a compreensão da dinâmica político-militar global da Guerra Fria e dos processos de descolonização em África.

7 Resumé

Práce pojednává o kubánské intervenci v občanské válce v Angole a jejích širších souvislostech. V jednotlivých kapitolách byl postupně předložen souhrn informací týkajících se zásadních faktorů zkoumaného ozbrojeného konfliktu.

V první kapitole byly rámcově popsány základní rysy studené války. Druhá kapitola byla věnována nastínění soudobého politického vývoje na Kubě. Ve třetí kapitole byla charakterizována tři hlavní angolská hnutí, která měla na tamní vnitrostátní situaci zásadní vliv. Dále zde byl popsán průběh koloniální války a související důsledky, které připravily půdu pro kubánskou intervenci. Čtvrtá kapitola byla věnována popisu samotné kubánské intervence a porovnání odporujících si názorů, zda byl jejím hlavním iniciátorem Sovětský svaz, nebo Kuba. Analyzovány byly rovněž eventuální motivy Fidela Castra pro uskutečnění intervence.

Předkládaný text přináší zájemcům o problematiku dekolonizace lusofonních území v Africe ucelený soubor zásadních informací týkajících se Angoly stejně jako vzhled do tehdejší politické situace zasazené do kontextu studené války.

8 Bibliografie

- Brönnner, Gabriele, e Jürgen Ostrowsky. 1977. *Angolská revoluce*. Svět v pohybu (Svoboda). Praha: Svoboda.
- Deutsch, Karl. 1964. 'External Involvement in Internal War' in Eckstein, Harry. 1964. *Internal War : Problems and Approaches*. New York: Free Press of Glencoe. quoted in Mumford, Andrew. "Proxy Warfare and the Future of Conflict." *The RUSI Journal* 158, no. 2 (2013)
- Fiala, Vlastimil. 2012. *Politické stranictví v afrických lusofonních zemích*. Hradec Králové [i.e. Olomouc]: Iuridicum Olomoucense.
- George, Edward. 2005. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991, From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. London: Routledge.
- Gleijeses, Piero. *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976*. University of North Carolina Press, 2002. http://www.jstor.org/stable/10.5149/9780807861622_gleijeses.
- Klíma, Jan. 2000. *Dekolonizace portugalské koloniální říše: historická motivace - specifika - průběh*. Hradec Králové: Gaudeamus.
- Klíma, Jan. 2001. *Poslední koloniální válka*. Historická řada (Libri). Praha: Libri.
- Klíma, Jan. 2019. *Dějiny Angoly*. Vydání druhé. Dějiny států. Praha: NLN.
- Lacina, Karel. 1987. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha: Svoboda.
- Nálevka, Vladimír. 1997. *Fidel Castro: podzim diktátora*. Portréty, sv. 6. Praha: Epoque.
- Nálevka, Vladimír. 2000. *Světová politika ve 20. století*. 2. Praha: A. Skřivan.
- Nálevka, Vladimír. 2001. *Z neznámých stránek historie*. Praha: Nakladatelství Aleš Skřivan ml.
- Nálevka, Vladimír. 2004. *Čas soumraku: rozpad koloniálních impérií po druhé světové válce*. Dějiny do kapsy 24. Praha: Triton.
- Nálevka, Vladimír. 2010. *Horké krize studené války*. Moderní dějiny. Praha: Vyšehrad.
- Opatrný, Josef. 2017. *Kuba*. Druhé, rozšířené a aktualizované vydání. Stručná historie států, svazek č. 93. Praha: Nakladatelství Libri.

9 Anotação

Nome: Eliška Peterková

Faculdade e Departamento: Faculdade de Letras, Departamento de Línguas Românicas.

Título do trabalho: A intervenção cubana na guerra civil em Angola

Orientador do trabalho: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Número de signos (com espaços): 77 598

Número das fontes usadas: 15

Palavras-chave: Angola, Guerra Fria, guerra por procuração, intervenção, Cuba, guerra civil, descolonização

Descrição curta:

Esta tese de bacharelado examina a intervenção cubana em Angola e seu profundo impacto na Guerra Civil Angolana. Em particular, a tese analisa como o envolvimento militar e político de Cuba influenciou a dinâmica do conflito, o equilíbrio de poder entre as facções e as implicações geopolíticas mais amplas para Angola durante a era da Guerra Fria.

10 Annotation

Name: Eliška Peterková

Faculty and Department: Faculty of Arts, Department of Romance Studies

Title of theses: Cuban Intervention in the Angolan Civil War

Supervisor of thesis: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Number of signs (with spaces): 77 598

Number of references: 15

Key words: Angola, Cold War, proxy war, intervention, Cuba, civil war, decolonization

Short description:

This bachelor's thesis examines the Cuban intervention in Angola and its profound impact on the Angolan Civil War. In particular, the thesis analyzes how Cuba's military and political involvement influenced the dynamics of the conflict, the balance of power among factions, and the broader geopolitical implications for Angola during the Cold War era.